

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO II

GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA

N. 8

FORTALEZA, 10 DE JUNHO DE 1888.

## SUMMARIO

Expediente :

A formula psychologica  $x = \lg. y$  — R. FARIAS BRITTO.  
Divagações — R. FARIAS BRITTO.  
Uma eleição — JULIO TABOSA.  
As borboletas — JOSÉ MARTINS.  
Impressões dispersas — M. DE MELLO CEZAR.  
A saudade — MEDEMOISELLE ...  
O casamento — AMPHRISIO.  
Nupcias de Jesus — EMANUEL KARNIRO.  
Annuncios.

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

Anno . . . . . 68000  
Semestre . . . . . 42000

Não se accitam assignaturas por menos de um semestre.

ADMINISTRAÇÃO

Lua do Major Facundo 54

A formula psychologica :  
 $x = \lg. y$

(Conclusão)

Applicando estas regras ao exame rigoroso das diferentes sensações, Fechner chegou a determinar qual o augmento que é necessario na excitação para que possa produzir differença na sensação correspondente.

Fica assim resolvida uma das faces da questão. Resta porém para completar-lhe a solução determinar qual a menor sensação perceptivel.

Ribot expõe os diversos

metodos de observação e examina os experimentações feitas por Fechner em relação ao som, ao peso, a luz etc. Nós não entraremos na exposição desta materia, porque além de que é muito complicada não traria grande esclarecimento para o fim a que nos propomos que é unicamente dar uma idéa da cousa. Basta dizer que Fechner chegou a determinar também qual o grau de excitação capaz de produzir uma sensação perceptivel.

Generalizando uma e outra ordem de observações, isto é, as observações feitas para determinar qual a menor sensação perceptivel, e as observações tendentes a mostrar a menor differença perceptivel entre duas sensações da mesma natureza, Fechner chegou a esta conclusão geral: as sensações crescem como o logarithmo da excitação: é a formula  $x = \lg. y$

A experiencia havia demonstrado que a sensação e a excitação estão em relação de mutua dependencia. A sensação augmenta, quando a excitação também augmenta: mas em que relação se faz esse augmento? E' o que não se sabia e é o que pretende explicar a formula de Fechner.

Essa formula consiste nisto: estão em face uma da outra duas series de grandezas—a das excitações e a das sensações. As excitações representam os factos exterior-

res; as sensações o mundo subjectivo. Sabe-se que as sensações augmentam ou diminuem de intensidade conforme a força das excitações. Se o augmento ou diminuição das sensações fosse na mesma proporção das excitações, a questão seria muito facil; mas não acontece assim. Em primeiro lugar o augmento é insensivel quando a differença é muito pequena. Depois ha um limite além do qual todo e qualquer augmento de excitação é indifferente e não poderá mais modificar a sensação.

Todavia Fechner entendeu que ficava demonstrado o seguinte: as sensações crescem numa progressão arithmetica quando as excitações augmentam numa progressão geometrica: é lei  $x = \lg. y$ .

Tal é a lei creada por Fechner e que por sua originalidade provocou da parte de adversarios notaveis uma reacção excepcional. Pode-se dizer que nenhuma outra doutrina, excepto o darwinismo, produziu mais abalo nos tempos modernos. O mesmo Fechner tratando de responder aos criticos que o atacaram, resumiu as objecções pela maneira seguinte:

1.º As leis e formulas da psychophisica não se harmonisam com os factos: são falsamente deduzidas d'elles e as buscas experimentaes mostram excepções e estas leis em vez de confirmalas.

2.º Admittindo-se que estas leis têm algum valor para a psychophisica externa, não podem ser transportadas para a psychophisica interna. Em outros termos: estas leis não tem valor psychologico.

3.º Ellas levantam difficuldades mathematicas e não têm fundamento solido.

4.º São teleologicamente inconciliaveis com uma concepção racional do mundo exterior.

5.º As formulas psychophicas portanto devem ser abandonadas ou modificadas, ou pelo menos entendidas num outro sentido.

Todas estas objecções acham se esparsas em obras importantes e numerosas firmadas por escriptores notaveis e que se acham a frente do movimento intellectual hodierno. Todavia Fecher examinando-as julgou-se autorisado a poder responder deste modo: — «A torre de Babel não completou-se porque os obreiros não puderam entender-se sobre a maneira de edificalla: o meu monumento psychophisico ficará, porque os obreiros não sabem entender-se sobre a maneira de demolil-o.»

Eis o que podemos estabelecer sobre a theoria psychophisica. Resta nos indagar a influencia que poderá exercer considerando a sob o ponto de vista da philosophia geral.

A psychophisica marca o começo de uma era nova no dominio da psychologia. Deixou-se do lado o antigo phantasma da alma e começou-se a entrar na verdadeira comprehensão da unidade do espirito. É certo que a mesma variedade que se observa nos factos da natureza, encontra-se nos elemen-

tos do espirito, e aquillo a que se poderia dar o nome de alma, não é mais que a representação ideal das manifestações exteriores. Todavia essa variedade desaparece quando se penetra mais fundo e chega-se a verdadeira comprehensão das relações entre o sujeito e o objecto. Verifica-se então que a variedade é o producto de uma substancia unica e o verdadeiro principio a que o espirito tem assim de elevar-se é a unidade.

A psychologia allia-se ás demais sciencias e proclama como elementos de vida a experimentação e o calculo. O espirito deixou de ser uma substancia desconhecida e independente, occulta nas profundezas do organismo, sempre voltada para si mesma e sem poder jamais conhecer-se e o cerebro tornou um laboratorio de observação.

Deixa-se de lado o preconceito, trata-se de construir a sciencia sem nenhum plano, sem ter em vista defender esta ou aquella idéa, mas unicamente com o fim de conhecer a verdade. Estuda-se os diversos elementos do espirito, examina se a intensidade das sensações, mede-se a extensão de cada força que concorre para as operações do espirito; em uma palavra, estuda se a actividade psychologica em todas as suas manifestações no organismo através das excitações nervosas. Conhece-se assim que o espirito não é um facto isolado, estranho aos phenomenos da natureza e reservado o destinos supra-sensíveis, com o querer accreditar os representantes da velha eschola; ao contrario, é o ponto central da natureza, é a idea que unifica o mundo.

« Se pensamos com St. Mill, Bain e Tain, diz Leon Dumon, que a consciencia, o eu, o espirito, devem ser legados a sensações elementares, cremos por outro lado contra estes mesmos philosophos, que este elementos são somente os materiaes do pensamento e que a existencia de uma substancia é necessaria para explicar a elaboração do pensamento mesmo. Esta idéa vem completar as nossas proposições.

Apresentando o espirito como elemento unificador do universo, apenas com isto reconhecemos a necessidade desta substancia de que falla Leon Dumon. Esta substancia é dupla, diz a philosophia spiritualista: spiritual é corporea. Esta substancia e uma, diz a philosophia moderna. Tal é o principio proclamado por Fechner quando estabelece a unidade do facto que se manifesta ao mesmo tempo como espirito e como corpo.

Os sectarios da concepção positiva do mundo, repellem a idéa de substancia e só admittem entre os factos elementares, relações de successão e de coexistencia.

Deste medo, porem, o espirito fica nadando inteiramente no vacuo e quando se procura um ponto de apoio, tudo se desfaz como simples poeira: é preciso pois uma base mais solida. Os phenomenos nas suas relações de sequencia e de coexistencia estão sujeitos a leis necessarias e immutaveis, mas estas leis estão sob a dependencia de um laço common que ligue entre si os mesmos phenomenos. «Pode-se bem, diz Leon Dumon, conceber um conjuncto ou um total susceptivel de ser percebido objectivamente, mas não

se torna comprehensivel a consciencia subjectiva da individualidade desse conjuncto. Para isto é preciso que haja outra cousa alem da successão ou da simultaneidade: é preciso que haja a substancia, a força e causalidade» A tecnologia pouco adianta: para nos esta substancia, esta força, esta causalidade, tudo isto é o principio unico e indivisivel que se revela no seio da natureza por estas duas manifestações fundamentais. o sujeito e o objecto.

Podemos agora voltar a psychophisica. O sujeito é a medida natural do objecto, o objecto é a medida natural do sujeito. Quando queremos estudar o objecto, devemos fazel-o pela representação ideal que dello temos na consciencia: quando quisermos estudar o sujeito, devemos consideral-o em suas maneiras de comprehender o objecto. Querer isolar o sujeito do objecto, ou separar o objecto do sujeito, é destruir o equilibrio da substancia: tal é o erro do espiritualismo.

A phisica, a mechanica e todas as outras sciencias objectivas, estudando os factos exteriores pelo calculo e pela observação, taes como se manifestam na consciencia, elevaram-se por methodos regulares ao conhecimento da materia de que se occupam, e têm criterios seguros para que se possa reconhecer a verdade. Restava á psychologia, isto é, á sciencia dos factos subjectivos realizar a mesma conquista: foi o que procurou resolver a psychophisica. Se não o fez, pelo menos comprehendeu o problema com todas as suas difficuldades e apontou o caminho a seguir-se.

R. FARIAS BRITTO

## DIYAGAÇÕES

Anginho, eu nunca vi uns braços tão formosos,  
Uns braços como os teus, são muito perigosos.  
Não me heide admirar se acaso acontecer.  
Que por elles alguém té venha a enlouquecer.

Mas tu sabes a longa, a decantada historia,  
Cheia de luto e dor, cheia de triste gloria,  
Destas filhas do céu, as pallidas donzellas...  
Destas mocinhas bellas  
Dos braços provocantes,  
Cheias de phantasia e sonhos delirantes!

Ha nesta sombria historia um quadro tenebroso.

Amor não tem cabeça, é um anjo caprichoso  
A quem domina só a lei do despotismo  
Contem em si a luz e a escuridão do abysmo.  
E vendo como os teus uns braços faiscentes,  
Ouve: não pensa mais, desejos delirantes  
Arrastam-no cruéis, e o pobre cae vencido  
Aos pés do anjo amado  
Inda que estrangulado  
Tenha de ser ferido  
Pela maldade atroz de atrozes inimigos.

Escuta, anginho meu; teus braços são amigos  
Ou parentes do jogo  
Quem os vê, sente logo  
Arder seu coração nas chamas flamejantes  
De um terrivel incendio! Oh braços derrantes!  
Não sei quem poderá teus braços igualar.  
Quem vê teus braços nus, oh flor, perde a cabeça,  
E louco affronta a tudo, ao fogo se arremessa;  
Quem vê teus braços nus, se perde e quer amar.

Não deves descobrir teus braços perigosos.  
Uns braços como os teus, uns braços tão formosos  
Amor não pede ver.  
Vae, pois, menina, vae, vae logo sem demora,  
Vae, menina cruel, menina encantadora  
Teus braços esconder.

R. FARIAS BRITTO.

## UMA ELEIÇÃO

Em torno de uma meza as cinco irmãs sentadas,  
Com gestos varonis, todas trajando lucto,  
Diziam entre si com vozes magoadas:  
— Já não existe Hugo, nem ha substituto.

Levantou-se a Europa; ergueu machinalmente  
N'altura de uma urna a chapa que trazia;  
Alli depoz um voto. A Asia incontinentemente  
Do mesmo modo fez; mais logo a Oceania

A Africa se ergueu e tambem foi votar;  
Com assento de dôr a juvenil America,  
Votou, como mais moça, em ultimo lugar.

Depois a velha Europa—o dedo sobre a moleta—  
Da urna fez girar a grande tampa espherica,  
E com voz magistral foi lendo: —Emilo Zola...

JULIO TABOSA.

## AS BORBOLETAS

(IMITAÇÃO)

A ANTONIO SALLES

Vôa um bando festivo. Sobem, descem  
no prado ameno as loiras borboletas,  
e uma a uma, voltando em torno,  
beija de leve o calix das violetas.

Ergue depois o bando todo. Vão-se,  
num cardume volátil deslizando,  
à superfície placida dos lagos  
azues, de leve as azas agitando

Sobem ao ar em doidas espiraes,  
voltam de novo às floridas campinas,  
e nesse eterno volitar constantes  
bebem do orvalho as gotas cristalinas.

E vae-se a primavera e foge o outono,  
volve depois a estação ridente,  
e sempre as mesmas borboletas loiras  
a volitar no prado alegremente!

Na doce infancia as illusões douradas  
se aham do peito ao ether luminoso,  
como o bando gentil das borboletas  
celere busca o prado perfumoso.

Mas vae-se a infancia como o som no espaço,  
surgem da vida as frias estações..  
vivem no prado as mesmas borboletas  
mas não vivem no peito as illusões.

88.

JOSÉ MARTINS.

## IMPRESSÕES DISPERSAS

II

A' ANTONIO SALLES

O quarto era illuminado por  
uma luz frouxa, macia, que  
sahia de um candieiro assen-  
te em um pedestal de marmo-  
re sobre um toucador colloca-  
do a um canto.

Alli o silencio da noite era  
apenas interrompido pelo som  
menotono do pendulo pregui-  
çoso do relógio que havia em  
cima de uma commoda negra  
e pela respiração branda de  
Sidonia que dormia n'um lei-  
to alvejante, aquecido por a-  
quelle corpo branco, admira-  
vel.

Havia naquelle ambiente  
uma aroma'isação trescalan-  
te e sensual de flores que en-  
chiam os jarros de porcellana.

Sidonia immobilisara-se n'

um somno pesado e confor-  
tante; enquanto que o Justi-  
no, o esposo bem amado, a  
quem ha dias não vira, esta-  
va sentindo todas as delicias  
de uma grande festa.

\*

Havia lá para o interior da  
cidade um grande alvoroço.

Vivas unisonantes, echoa-  
tivos partiam a um tempo de  
todos os peitos electrizados na  
quente grossidão do enthu-  
siasmo.

A passeiata marchava len-  
tamente, ébria, basofiante,  
estacando de quando em vez à  
frente de um edificio todo em-  
bandeirado, todo illuminado  
e emmudecia em face do ora-  
dor que se punha a concionar  
sobre o grande acontecimento.

D'alli seguia percorrendo  
todas as ruas, sob a luz tre-  
mula, coada a travez dos lam-  
peões, das lanternas apavona-  
das que bordavam em semi

circulos as fachadas das ca-  
sas, onde se esbatia o mortico  
lunar.

Esgarabulhava na frente a  
molecagem vadia e turbu-  
lenta.

Os foguetes subiam aos ares  
e desciam ameaçadores ba-  
tendo seccamente no meio do  
calçamento empanado pelo  
junco.

A musica ia tocando uma  
peça sensibilisante, voluptuo-  
sa, positivamente boa.

As clarinetas arremessavam  
umas notas agudas, instilan-  
tes, como o trinado das aves;  
os baixos sacudiam uns sons  
grossos, como bravateios de  
féra. E todos os outros ins-  
trumentos iam soando muito  
bem.

A massa volumosa do povo  
movia-se como um só corpo,  
encolhendo-se, estirando-se e  
tomava a direcção do Passeio  
Publico, em cujo gradil tan-  
genciava a luz electrica.

Luz crystalina, trespassan-  
te e desenfreada vinha de  
longe pondo em relevo todos  
os semblantes alegres, beatifi-  
cados, incendidos no calor d'  
aquella festa.

\*

O jardim regorgitava ago-  
ra... A maior parte do povo  
apinhado em roda da tribuna  
prestava olhos e ouvidos aos  
oradores que se succediam.

Uns sentados em bancos,  
outros em cadeiras dispostas  
parallelamente em ambos os  
lados da avenida conversa-  
vam, riam-se n'um embriaga-  
mento pccato e festival.

Outros debaixo das arvores  
davam-se a uma borracheira  
lenta e anti-hygienal.

E um rapaz que ha 3 dias  
não vira a esposa, consub-  
stanciando-se na mesma ale-  
gria popular, fazia sob a fron-  
de de verde mongubeira repe-  
tidos brindes aos dois amigos,  
sentados cada à um cabecei-

ra de uma banquinha que já exsudava a cerveja derramada pelo cruzamento dos côpos.

Mais tarde um vacuo silencioso havia em quasi todo o jardim que ficou como uma pipa vasia...

O povo tinha-se retirado em grupos, em familias.

Sentia-se agora alli um infustamento desagradavel, nocivo até

Restavam apenas tres bebedores que ainda se brindavam calorosamente.

Um d'elles, moço alto, magro, bigode espesso, retorcido, assim que esvasiou o ultimo copo despediu-se dos outros e sahiu cambaleantemente por alli a fóra, exconjurando, murmurando imprecações contra a bohemia e contra todos os bohemios.

Era o Justino que demandava saudoso o caminho de casa, interrompendo com passos mal seguros o silencio profundo que pesava na ouquidão das ruas

Minutos depois entrava elle vacillantemente n'aquelle quarto cheio de uma aromatisação trescalante e sensual, e contemplava estatelado, n'um embriagamento tranquillo e pacificante, a esposa que dormia ostentando uma belleza fresca e provocadora...

M. DE MELLO CEZAR

## A SAUDADE

Saudade! palavra ao mesmo tempo doce e amarga.

Garrett chamou-a: « Delicioso pungir de acerbo espinho ».

A saudade é um sentimento que deleita; uma dôr pungente de que se gosta.

E' o laço mysterioso que une os corações que se amam,

por maior que seja a distancia que os separa.

Nas azas da saudade vôa o infeliz proscripto ao seio do lar e transporta-se aos dias de sua infancia. Torna a ver os logares que mais amara. Gosa de novo as ternas caricias de uma mãe, os doces sorrisos de uma irmã querida.

Vê o berço em que dormia o terno irmãosinho, a frondosa cajazeira que sombreava o terreiro da casa, o pequeno regato que corria a pouca distancia, os logares onde costumava brincar.

Estas saudosas recordações lhe dilaceram o coração. O pranto inunda-lhe as faces. Chora; mas como são consoladoras essas lagrimas!

A lembrança de uma felicidade passada tortura o coração do infeliz; mas elle acha prazer nessa tortura.

A saudade é de todos os sentimentos o mais incompreensivel; participa ao mesmo tempo da dôr e do prazer.

MADemoiselle \*\*\*

## O CASAMENTO

Era n'um mez de Junho, precedido d'um inverno expansivamente creador. Os prados ostentavam a opulencia de refocillada vegetação, e a criação pulava no vigor d'uma nutrição prodigiosamente sadia, emquanto os passaros prorompiam em festivos concertos, estheticamente organisados pela fecunda mestra—a natureza—que a tudo mostrava-serisonha, simplesmente risonha.

A' soleira d'uma casa velha e achatada, de parede de barro, primitivamente construidas, estava um velho careca e barbaçudo. Pedi-lhe hospedagem, e m'a deu de modo mui officioso.

Em acto continuo um preto dessellou o meu cavallo e recolheu-o ao cercado, e uma crioula velha, que acudia pelo nome de Faustina, serviu-me café, classicamente preparado.

Concluida esta ligeira refeição, puz-me a passeiar no terreiro, cuidadosamente varrido, olhando o Jaguaribe e o deslisar em brando murmurio de suas aguas limpidas e decrescentes.

Voltando a descançar n'uma excellente rede que me indicou aquelle bom velho, notei que havia na casa alguma cousa de anormal. Era um *bota-fora* que se preparava pelo casamento d'uma sua filha.

Momentos depois chegava uma grande multidão de convidados, ao alto esquipar de seus cavallos, trazendo á frente o noivo e o padre, que tinham ido encontrar.

O noivo era um rapasola de semblante agradavel, e o padre era um typo sasonado e pantafaçudo, de beiços sensualmente grossos, trajando uma batina mais cinzenta do que preta e exhalando um halito engulhante, da enorme quantidade de rapé que consumia.

Em expressões mui cavilosas, pedi ao nosso careca que me despulpasse a indiscrição de hospedar-me em sua casa quando festejava um dos actos mais solemne do lar; se aquelle excellente compez, com uma superabundancia de ternuras, traduzidas de seus admanes, respondeu-me que não me *avexasse com aquillo, porque elle estimava muito que o casamento da sua filha fosse honrado com a presença d'um moço ladino e praciono.*

Eu fiquei contente como o urubú sobre a carniça demandada-de longo vôo.

Sem mais delonga entrou o casorio.

O noivo trajando um fato preto muito aperreado e deixando transparecer uma natural pertubação, e a noiva singelamente vestida de branco e ricamente decorada de macisso ouro, com o collo offegante, o candido rosto envolto n'aquella pallidez poetica dos momentos solemnes, a face pudorosa regada por um fio cbrystalino que derivava-lhe dos olhos scintillantes, cahiam nos pés do pastor e juravam união eterna...

Apenas os contrahentes ergueiram-so dos pés do juiz de batina, cahiram nos do velho camponez, que balbuciando e fazendo um pronunciado gesto com a mão direita derramava sobre elles uma effusiva abençoção, como sancção do acto que acabavam de consummar.

Celebrado o casamento, entrou a reinar o *pagode*.

A' mor parte dos convidados offerencia-se com a maior franqueza a fallada aguardente do cariry, enquanto ás pessoas mais distinctas era offercido um poquinho de vinho vernaculo, guardado sob chave que a velha matrona trazia no cöz de sua saia de chita. Tambem era offercido uma grande profusão de comidas, em que sobresahiam formidaveis pratos, disputando sadios pedaços de carne e enormes pyramides de arroz.

Como etiqueta, foram collocados na cabeceira da primeira mesa os noivos, padre e padrinhos, e eu, como hospede illustre, que passava. E então, nas phrases mais elegantes e periphrasticas que tenho bebido nos theatros e romances, brindei a estes companheiros.

Concluida a mesa, vieram para o terreiro um afamado tocador de viola e dois canta-

dores.

Ao som do baião os dois cantadores disputavam o improviso de suas quadras, e os convidados, cada um por sua vez, sapateavam e castanholavam com os dedos, com muito garbo e attendendo a todas as notas da viola. E como ficava lisongead o convidado mais ousado que atirava na noiva, fazendo-lhe uma venia acompanhada de estridentes castanholas, e vendo-a levantar-se com o seu lenço branco cheirando a patcholy na bocca, caminhando de vagarim até ao pé da viola e atirando... em mim, por exemplo...

O samba começou ás 7 horas da noite, e só ás 7 horas da manhã do dia seguinte terminou, quando já haviam pegado o sol co'a mão, como diziam, e quando muitos convidados, inclusive o nosso padre, já estavam bem toldados, na expressão mais honesta da tal sujeita do Cariry.

Em conclusão da festa e por occasião do almoço, um festejado poeta d'aquella ribeira ergueu um brinde concebido assim:

« Viva o noivo, viva a noiva,  
viva o pad'eos convidado  
Acabo de nove mez  
quero vel-o baptisado.»

E foi phreneticamente applaudido.

AMPRISIO.

## NUPCIAS DE JESUS

Sobre os montes que rodeiam Jerusalém a distancia, a tarde cahe, como um sonho de um rei do Oriente, toda inflamada de ouro acceso e purpura, que se desdobra, ensanguentando o grande azul, immaculado e vasto do céu da Arabia ardente.

Sobre o monte das Oliveiras acampa a modesta morada de Lazaro com quem habitam

Martha e Maria. E perto d'ahi, que é uma hora de Jerusalém, na vertente que olha para o mar Morto e o Jordão ha uns cedros, umas figueiras, umas oliveiras a cuja sombra fazem suas tendas os judeus mercadores. Na ramaria escura dos cedros, ao cahir da tarde, com uma saraivada de neve, recolhem-se as pombas brancas criadas ao ar finissimo do formoso céu da Judéa.

E' á sombra d'essas arvores que a figura austera de Jesus se repousa ao sol poente, antes de recolher á casa de Lazaro, que o abriga. E' ahi que elle sonha os deslumbraamentos de sua doutrina, docemente linda e ensuaia a palavra magica com que ha de ensinal-a ao seu povo.

Ao longe o mar Merto é como um bloco de chumbo na depressão profunda da areia. E o Jordão, serpenteado o só, atravessa em silencio, ao fim de um dia ardente, a terra vermelha da Palestina.

Mais longe, quasi immeras no azul apagado do céu as montanhas serenas, desenham no ar os perfis vigorosos e tristes.

O valle do Cedron dormia na sombra avelludada da tarde extincta. Sobre a vertente que olha para o poente cahem os raios de ouro do grande sol acceso, como os reflexos de um incendio colossal que inflamma a propria aboboda encurvada e serena.

Descança Jesus, chegado de longe, da jornada impernia. Aos trinta annos, criado sob o céu da Judéa, tem a linha pura da raça e o vigor da sua vida livre. A longa cabelleira negra cahe-lhe pelos hombros como madeixa abundante das mulheres. E a barba, a primeira barba, castanha e fina emoldura o rosto onde o sol da Palestina avi-

gorou o tom moreno dos filhos d'esses logares. Aos trinta annos Jesus é ainda virgem. Todo o seu amor tem-se dirigido para o céu, que elle ideiou, e para a luz, que lhe fecundou o cerebro, e que elle chamou Deus, o seu grande pae invisivel. Toda a sua vida tem sido consagrada a essa ideia que o domina de uma religião de amor e de ternura. E o seu labio por onde passam cantando as palavras dulcissimas das suas predicas immortaes é um labio virgem que não resfolou ainda a tremer, com todo o ardor de sua raça, o seio de uma formosa judia na volupia quente de um amor terreno!

Apenas a seu lado, Maria, assentada sobre as dobras da tunica rustica de Jesus, embebe o olhar profundo da poesia vigorosa e casta que respira a figura serena do pregador immortal.

Já se recolheram na rama-ria dos cedros as brancas pombas forasteiras. Os ultimos ardores do dia morrem no poente e a côr do céu se aprofunda e atrista.

O Cedron está envolto na sombra negra de velludo. Os perfis das montanhas desaparecem ao longe. O mar Morto não se distingue mais; menos o Jordão ainda. Trazido por um vento que vem do valle chega um perfume suave de flôres caídas. Por traz de uma montanha, ao longe, vem nascendo religiosamente a lua.

Jesus assentado, falla meio inclinado para Maria, que, muito aconchegada pende-lhe do labio, recebendo a palavra ainda quente do seu hálito que cheira aos figos da Bethania. Narra-lhe o Christos os accidentes e as penas da longa jornada finda. Veio

pelo caminho dos mercadores, de Guiceo a Sichem, de Sichem a Jerusalem. De Sichem a Jerusalem a estrada é sombria, coberta de longas arvores copadas. Nos longos dias do verão torua-se menos penosa a viagem na sombra cerrada do arvoredado. Mas nos tristes dias foscos aperta-se o coração ao caminheiro sob essa cupola tristonha. Passa-se junto de Sito e de Bethel, essas aldeias simples.

Quando Jesus suspende a palavra, Maria falla-lhe, cheia de saudade, da outra jornada anterior; lembra-lhe as tardes que suavemente passaram n'aquelle mesmo sitio solitario. Recorda-lhe Martha irritada com a sua ausencia vindo chamal-a para o trabalho. Então, Jesus sorrindo desculpa perante a Martha a falta de Maria. Dizia-lhe que voltasse tranquillamente e deixasse que Maria ouvisse do seu labio a doutrina querida de Deus.

A lua continúa a subir religiosamente no céu sereno. O Nazareno prosegue contando os accidentes do caminho meio inclinado para Maria.

A ultima noite é passada em Ainel-Haramié, sitio encantador de uma profunda poesia sagrada. Toda a montanha é coberta de tumulos. Ahi é que Jesus falla ao coração de seus discipulos aproveitando o retiro manso e encantador do cemiterio, e d'entre as pedras da rocha derriva uma agna, muito negra que é como que a origem do grande rio lugubre da Morte.

Maria estremece e chega-se muito ao narrador quando elle lhe falla nos tumulos. Elle toma-lhe as mãos entre as suas, como para tranquillisar-lhe o animo. Maria debruça a formosa cabeça sobre o seio do mestre.

Os labios de Jesus roçam-lhe acaso pela fronte. Ella estremece.

A lua continúa a subir religiosamente. E ambos mestre e discipula, meio abraçados, com as mãos juntas, levantam os olhos para o azul purissimo no mysticismo vago de um sonho.

Maria, muito tremula, sobre o collo de Jesus, sente que vae morrer!...

Pendurada quasi em meio do grande azul profundo, rutila como o escudo de um guerreiro fidalgo, a cara pallida da lua envia á terra um grande beijo luminoso e casto.

A noite avança no espaço, serenamente muda n'um silencio religioso e triste.

A branca luz que vem do céu banha a cópa das figueiras do monte e a figura erigida dos cedros colossaes.

Sob as arvores onde fazem as tendas os judeus mercadores ha brancas vestes que se movem. As pombas desani-nhadas do cedro escuro vôm doidamente espantadas no meio da noite.

E pela encosta, como dois phantasmas na direcção da casa de Lazaro, descem duas sombras indecisas. Jesus caminha sobraçando a tunica, apressadamente. Maria segue-o em silencio, com os longos cabellos derramados, soprados pela aragem perfumada do valle. Ha entre elles um silencio meditativo e fundo, uma mudez incomprehensivel que aterra.

As suas figuras que avançam crescem e se avolumam na gaze fina da nevoa do monte.

E assim, como dois espectros, desapparecem silenciosos, através da noite enluarada e muda.

EMANUEL KARNERO

# THEATRO S. LUIZ

## BREVEMENTE

### GRANDE COMPANHIA DRAMATICA

EMPRESA E DIRECÇÃO DA ACTRIZ

# APOLLONIA

Brevemente estréa d'esta grande

COMPANHIA

## ELLENCO:

Actrizes

Actores

**Apollonia Pinto**

Maria Augusta da Silva

Manoela Araujo

Josefa de Carvalho

**Ponto** — J. Pereira

**Contra-regra** — Maximo

**Fiscal** — A. Carneiro

**Machinista** — A. Arruda

**Bernardo Lisboa**

Carvalho Lisboa

A. Marques

A. Abreu

S. Silva

J. de Mello

Leandro Ribeiro

J. A. Carneiro

## REPERTORIO:

Inteiramente novo e escolhido. Dramas e comedias dos melhores auctores.

Scenarios, vestuarios, accessorios, machinismos, tudo novo e deslumbrante.

A Empresa, previne ao respeitavel publico, que sendo pequena a demora da Companhia, não repetirá peça alguma.

ENCOMMENDAS DE BILHETES NO ESCRIPTORIO DO

# LIBERTADOR